

11 de novembro de 2005
Profeta na sua própria terra

Com orgulho, todos cantam a sua terra, valorizando os filhos que fizeram história. A Bahia, por exemplo, com justiça, exalta a Ruy Barbosa e a Jorge Amado, como ícones das letras jurídicas e do mundo do romance.

Pernambuco, igualmente, se orgulha, com razão, do discurso libertário de Joaquim Nabuco e da consciência sociológica de Gilberto Freyre.

Por sua vez, o Ceará reverencia a memória civilista de Clóvis Beviláqua e os poemas em prosa nascidos do espírito criador de José de Alencar.

A nossa Paraíba tem valores que merecem o reconhecimento dos pósteros pelo que fizeram em termos políticos, literários, poéticos.

Assim, não podem ser esquecidos, o talento de Epitácio Pessoa, servindo aos Três Poderes da República, como presidente da República, ministro do Supremo Tribunal Federal e senador; o saber político e a emoção criadora de José Américo; o verso cientificista de Augusto dos Anjos, singular na poesia brasileira, e a prosa sensível, humana e telúrica de Zé Lins do Rego.

Do criador de Menino de Engenho, tentarei, em sinótico texto, desenhar o seu perfil de escritor.

Com certeza, ninguém maior do que ele na interpretação do mundo literário do chamado ciclo do açúcar, cenário que, na arguta observação do mestre Câmara Cascudo, "o café, o sal, o algodão e o cacau não determinaram uma referência de romance talqualmente a cana-de-açúcar".

Pois bem, o romancista da Várzea do Paraíba enfoca, no seu universo literário, o drama do açúcar em obras como Menino de Engenho, O Moleque Ricardo, Doidinho, Bangüê e Usina.

Neste campo, ninguém o suplantou. Construiu o seu mundo cultural sem fugir às suas origens e sem esquecer a sua temática regional.

Foram romances, memórias, literatura infantil, crônicas, observações de viagens, tudo sentimentalmente vinculado ao homem e à região.

Depois, todo o seu poder de criar nega as dificuldades que a vida lhe impôs. As orfandades, a maneira de ser criado sem o carinho dos pais, o assomo asmático, nada disso inibiu a alegria de criar. Foi um escritor realista sem derivar para o pessimismo.

Há, pois, nos seus livros, um explícito enfoque sociológico na abordagem serena, objetiva, meditada do homem, da terra, das relações sociais.

Por isso, Tristão de Athayde, em estudo crítico da obra de Lins do Rego, lembra que sua temática vinha "refletir nos painéis do seu grande mural a morte dos bangüês, a agonia dos engenhos, o domínio crescente das usinas, em suma a desumanização da economia pela mecanização da lavoura e com isso a ruína do patriarcado e a dispersão de um povo, descendente dos escravos de outrora, e ainda não fixado no trabalho livre".

Viu, desta maneira, a ascensão e a queda do açúcar. Sofreu com a força inevitável da história: a morte dos bangüês e o silêncio dos engenhos.

Sentiu tal realidade e a anunciou.

Foi profeta em sua própria terra.